



REDACÇÃO e ADMINISTRAÇÃO  
RUA S. FRANCISCO, 15 e 17

PROPRIETARIO, DIRECTOR e EDITOR  
Hilario Cândido Barreiros d'Oliveira

COMPOSTO e IMPRESSO NA TIP. DO CENTRO DE NOVIDADES — R. D. ANTONIO BARROSO 134 A 140 — BARCELLOS

# O CAVADO

SEMANARIO LITERARIO

ASSINATURAS:—Ano 1:200, pelo correio 1:400; semestre 600, pelo correio 700; trimestre 300, pelo correio 350. Avulso 30. Brasil e Africa 2:000.

## Melhoramentos locais

A marcha progressiva das sociedades e povoações cria novas necessidades, que reclamam melhoramentos de toda a ordem.

Não falaremos agora da educação e da instrução, que aperfeiçoam o sentimento e a inteligência dos povos.

Muito ha escrito e podem os competentes escrever sobre estes capitulos da perfectibilidade humana.

Por hoje, dentro do programa que traçamos, simplesmente propugnaremos pelos melhoramentos materiais, que mais instantaneamente são exigidos, para que os barcelenses não estacionem num letargo deprimente, sem os avanços, sem as comodidades da vida moderna, sem a melhoria das condições economicas e igienicas, que avigoram, vitalisam e constituem o bem estar duma povoação.

Esta localidade que é dotada de condições naturais privilegiadas, excelente exposição, situação muito pitoresca na margem do poetico Cavado, arrabaldes formosissimos, centro de uma região agricola extensa e fertil, atravessada por um caminho de ferro de via larga, sede de um concelho dos mais populosos do paiz, esta linda e importante vila e este concelho não podem, não devem ficar para ai refratarios aos progressos, ao aperfeiçoamento, ao desenvolvimento das suas fontes de riqueza, ás conquistas de tudo quanto, sem desmerecer ou des-

valorisar o honrado patrimonio das mais nobres tradições, possa concorrer para o seu engrandecimento, para o bem-estar dos seus habitantes.

Está em via de conclusão o grandioso melhoramento do abastecimento e distribuição de aguas, segundo os estudos e projectos de abalisados engenheiros. Dai resultarão não só todas as vantagens do fornecimento domiciliar de ótima e abundante agua, mas ainda a conveniencia da irrigação e lavagem das vias publicas, jardins e arborisação, e ainda a facilidade de instalação de piscinas e balneario para todo o tratamento hidroterapico, com que Barcelos vai ser dotado pela digna Meza da Misericordia.

Já não pode haver duvidas de que, em breve, a energia electrica da queda da Afurada virá iluminar as ruas, praças, avenidas e largos da ridente princeza do Cavado, fazer o aquecimento dos aposentos e pôr em laboração quaisquer motores de utilidade industrial ou particular.

Isto que era tão reclamado e na verdade é de magna importancia, não é tudo.

Depois do abastecimento de aguas, um melhoramento que se impõe a uma vila ou cidade, que pretenda os fóros de aciada, igienica e salubre, é um adequado sistema de esgotos.

A saude, o vigor, a vitalidade das povoações urbanas, depen-

dem muito das condições de sanidade das habitações e do ambiente que as rodeia, do ar que se respira.

O nosso concelho tem muitos quilometros de estradas municipais e vicinais e ainda carece de completar a sua rede de viação.

Ninguem desconhece quanto valorisa a riqueza concelhia uma bôa rede de circulação. Além disso é preciso que as centenas de familias que viajam de automovel não fujam do nosso concelho por encontrarem as estradas completamente intransitaveis.

E', pois, necessario que o Estado conserve as suas estradas bem conservadas, mas tambem o é que a Camara não descure a viação municipal.

Tambem não deve deixar de merecer especial atenção a necessidade de se construir uma cadeia, com sol e ar, para que a prisão correccional, não seja antes um antro de suplicio lento, onde enterrem em vida tantas existencias humanas, que tanto precisam de higiene para o espirito, como de higiene para o organismo, que a sociedade não tem direito a macerar, a atrofiar, a depauperar e matar.

Ha muito que atender á estetica e ao embelezamento da nossa alegre e linda terra.

Pois bem, trabalhem todos, na medida de nossas forças, em prol de tudo quanto é preciso realizar na nossa querida terra, para éla se orgulhar de marcar um logar distinto entre as mais belas e saudaveis do paiz.

Sabemos que na ultima sessão plenaria da Camara o digno presidente da comissão executiva tratou destes e outros assuntos, apresentando um plano dos mais urgentes melhoramentos e dos mais com que se podem realizar.

Avante, avante, que todos trabalhem pelo futuro de Barcelos e que ninguém empate, embarace ou estorve, porque seria criminoso, não saber ou não querer trabalhar e tratar de desgostar ou impedir os que trabalham pelo bem comum.



## HOMENS DE LETRAS

Carta ao poeta Feliciano Guimarães

Meu caro poeta:

Já lá vão 15 ou 16 anos!

Creio que foi por 900 ou 901, quando ambos frequentava-mos o Lyceu de Guimarães, que travamos relações.

Eu morava na quinta bancada do salão de estudo, ao fundo, junto duns transmontanos hirsutos, selvaticos, e recordo-me que os meus vizinhos mais chegados eram o Casiano Taveira, — um surdo de Vila Pouca e o Mauricio Ramos um gordalhufo rapaz de S. Estevam de Gião nas terras de Vila do Conde, á beira-mar.

A pouca distancia, na terceira bancada, tinhas tu, meu caro poeta, a tua carteira apetrechada de livros, de papeis, caixinhas várias, estojos de desenho etc. — arrumado tudo com esmero e limpeza — um contraste completo da minha...

Quando nesse ano de 900 fui frequentar a 1.ª classe do liceu, já tu marinavas pelas asprezas das matematicas da 3.ª.

Eu tinha então uma estranha propensão para o desenho de figura e a ti já te mordiscavam os raios luminosos do divino Apólo.

Um dia no recreio mostrei-te um quadrosinho a *cráion*. Era um *Paolo e Francesca de Rimini*, já sob a protecção da lua, e ainda folheando um livro de estampas, sentados ambos num banco do jardim dos Malatestas.

Creio que me auguraste um futuro de

## NA FEIRA DA LADRA

HISTORIA DE UM PIANO

(CONTINUAÇÃO)

«Oh! como são felizes os pianos de agora, que já não acompanham os versos dos poetas, como as escoltas acompanham os presos. As odes filosoficas dos menestres recentes, além de serem sublimes, são refractarias á harmonia.

«Eu queria que vocês, ó pianos modernos, tivessem vivido como eu nos ominosos tempos do obscurantismo, sob o regimen intolerante dos solaus!

«Por mim, meu amigo, eu já não dava senão gritos dilacerantes como os duma vítima indefeza, espancada cruelmente. Mas não percebiam que eram as dores que me faziam gritar, porque me julgavam incapaz, pela minha natureza, de as poder sentir. Quando eu soltava um grito dilacerante, como um homem a quem estavam cortando

uma perna, limitavam-se a dizer: — Está hoje muito desafinado!

«Por fim vendo que não podia fazer compreender áquella gente que os meus gritos eram gritos de raiva e de tortura, decidi-me então, em vez de gritar, a apitar — pela policia.

Quando eu sentia na rua, á meia noite, os guardas municipais, punha-me a apitar uma valsa durante meia hora, a vêr se me acudiam. E a patrulha, em vez de correr a livrar-me dos dedos homicidas, parava em contemplação defronte da janela, embevecida nas harmonias daquela valsa, que parecia assobiada com a chave dum trinco. Vendo que não alcançava nada gritando ou apitando, comecei então a ladrar, a guinchar, a dar arrotos, a grunhir, a produzir os sons mais irritantes, mais insupportaveis, desde a chiadeira desengonçada duma carroça carregada de ferro, até ao ranger duma unha na cal da parede.

«Nem assim. As meninas continuavam a flagelar-me com *A lua de Londres*, *A saudade*, *O martirio*, *O pirata*, *O noivado do*

*sepulcro*, emfim, com tudo quanto constituia o regimen sentimental dos pianos elegantes. A's vezes, no meio dum acompanhamento pegava-me, embirrava, e por mais que me batiam não dava um compasso para diante. Um belo dia, furioso, tomei uma resolução heroica — emudecer. Batiam-me, e eu calado. Zangavam-se, esmurravam-me, desancavam-me, e eu nem palavra — moita!

«Resolveram vender-me. Fui anunciado nas gazetas, como um belo piano para estudo. Comprou-me um adeleiro por trez libras e meia.

«Eu estava inteiramente, completamente arrasado. Tinha os pulmões cheios de cavernas, roídos de ferrugem. O adeleiro no entanto taes remedios me deu, taes coisas me fez que com grande admiração minha, uma bela manhã acordei a tossir o *Barba Azul*.

«Fui então novamente vendido, para uma menina de oito anos aprender no meu cadaver o alfabeto musical. Eu já não era um instrumento, era um abecedario, uma loisa para fazer riscos. Nunca tive orgulho, mas

francamente sentia-me vexado, degradado. Depois eu estava doentissimo, no terceiro grau da tuberculose. Um dia, que felicidade! pegaram em mim, e aposentaram-me com a terça parte das teclas no vão duma escada. Ali gosei meio ano de descanso, numa escuridão profunda e silenciosa, apenas perturbada de quando em quando pelo barulho dos ratos, que tinham feito dentro de mim uma colonia.

«Mas ai! ao cabo de seis mezes chegou um ferro-velho, que me conduziu para uma buiuca miseravel, e me poz nas costas um letreiro que dizia o seguinte: preço 7\$500.

«Ali estive muito tempo, sem ninguem ousar tocar-me, protegido, defendido por aqueles bravos 7\$500. Bom, dizia eu, vivei em paz o resto dos meu dias, neste silencio concentrado, tão util na diplomacia e tão agradável nos pianos.

«Mas nisto apareceu um empresario duma barraca de feira, que me alugou por dois mezes, a quartinho por mez.

(Continua)



imortalidades, e propagandaste entre a colónia de rapazes da nossa classe (os médios) o meu talento para a bonexagem — «o meu extraordinário talento para a pintura»!

No dia seguinte á mesma hora chamaste-me de parte e encostado a uma coluna dos claustros leste-me os teus primeiros versos — umas composições muito singelas, mas repassadas de lirismo, de certa união simplista, de ritmo cadenciado e musical no estilo de Tomaz Ribeiro — o poeta das sonoridades.

Que assunto escolheras tu para esses sonetos e para essas quadras tão lindas que inda hoje as tenho fixadas na minha pobríssima memória? — Talvez o *Amor*, o eterno tema.

Porventura seriam já uns quadrosinhos historicos ou uns esboços da mitologia grega? — Não me recordo ao certo.

No fim do ano, escritos em bom papel de carta e numa caligrafia muito linda — tu reuniste todos os teus trabalhos — Era já um volume respeitavel, um ramalhete de aromáticas flores do campo, cuja leitura foi feita numa tarde a um grupo de escolhidos, no recreio da cerca, de cima da muralha de Afonso Henriques, ás escondidas dos perfeitos — sobretudo do padre Soares que de testava poetas. Lembra-te?

\* \* \*

O destino separou-nos em 902. Tu concluíste o teu curso e foste á Universidade doutorar-te. Dizem-me que o teu talento brilhou nos Estudos Superiores com desusado realce.

Isso — era de esperar —; o contrario é que era motivo de espanto.

Eu, ao contrario, vim para casa; segui depois outro curso, mas não foi o de Belas-Artes, que era afinal aquele para onde me chamava a minha estrela. E' bem certo: em Portugal torcem-se todas as vocações.

Uma creatura que tem tendências para a engenharia, fazem dela um médico; outra que por sua perspicácia e rabulice daria um bom advogado, é obrigada a fazer-se padre ou engenheiro. Este que por seu religiosismo daria um excelente padre, foi feito comerciante; aquele que daria um bom magarefe, foi feito padre. Este mundo é assim. E não ha quem o endireite. Paciência.

Pois eu, meu caro poeta, vim dar á aldeia; e não sei por que extranhas disposições do Destino, passei de lavrador a *literato* (nota que eu sublinho) — ou por outra acumulei a minha profissão de lavrador com a de amador das Belas Letras.

A minha descolorida prosa anda já esparsa por cerca de 2000 paginas, mas tenho a certeza que tu não terias coragem para ler 20 delas, sem cansares de entediado. Mesmo tu — o rouxinol dos álamos, havias de achar fastidiosa uma melopeia de mocho.

\* \* \*

No n.º 2 de *O Cavado*, semanário literario que o meu querido amigo H. Barreiros lançou á publicidade, vi uma composição tua *O Trovador* que li e reli com regosijado entusiasmo e com estremado prazer espirital.

Foi essa poesia com que te dignaste honrar o *Cavado*, a origem desta carta. Eu quero aqui frisar bem que te admiro profundamente; e porque fui eu talvez o primeiro estranho a quem leste os teus versos, quero dizer-te que desde as quadras singelas de 901, até este 916 em que publicaste o *Trovador*, ha um consideravel lapso de tempo em que apenas logrei ler tres ou quatro composições tuas. Uma delas foi apreciada por mim em circunstancias bem singulares.

Foi em 912. O Estado na sua magnánima liberalidade albergava-me gratuitamente no Presidio de S. Barnabé, em Braga, (1) e, no afan maternal de me não extenuar o espirito, proibira-me a leitura... Ora um dia, a embrulhar um par de chinelos que mandara comprar, vinha um jornal com cuja leitura me regalei. E sabes? trazia uns versos teus que cheguei a decorar — uns versos melódicos com sonoridades argentinas que durante muitos meses preencheram o vácuo do meu desolado espirito.

Tres meses depois ilibado de toda a culpa regresssei á aldeia. Aqui onde um seculo de atraso mantem uma paz imperturbável e a vida passa com a serenidade dum regato por sobre godos — nunca mais ouvi falar de ti, nem do teu estro poético — coisas que todos os espiritos cultivados conheciam. *Mea culpa*...

Vou ler-te, meu caro poeta, e então te direi as minhas impressões pessoais.

E por ter sido tão extenso resolvo fechar esta carta sem mais delongas. Mas antes consente que este teu fervoroso admirador te deseje mil felicidades e a mais invejavel saude.

Palmeira, 25. 1. 1916.

Manuel Boaventura.

«No Presidio» por M. Boaventura ed. de 1913

\*\*\*\*\*  
**Armindo Miranda**  
SOLICITADOR

Rua D. Antonio Barroso — BARCELOS

\*\*\*\*\*

## Descansar trabalhando...

Quando Bossuet andava no colejo era tal a sua applicação ao estudo que os condiscipulos, servindo-se do apelido, o designavam por Bossuetus aratus, o boi acostumado ao arado.

Mil outros exemplos de applicação nos conserva a historia, podendo nós agora citar de memoria M. de La Hire, que de noite se levantava muitas vezes para verificar experimentalmente pela observação se eram exzatas certas deducções e calculos astronomicos a que se entregava no leito.

A unica distracção que este homem admitia era mudar de trabalho; o unico exercicio material a que se dava era o andar, e esse mesmo fazia-o invariavelmente em direcção ao Observatorio, á Academia de Ciencias, á de Agricultura, ao Colejo Real, onde era lente.

Delacroix, referindo-se a este sabio, mas falando jenericamente diz:

«Poucas pessoas podem compreender o gozo que esperimenta um solitario que o é voluntariamente e que todos os dias renova os motivos de deleite, parecendo que não deixa nunca de fazer a mesma couza».

M. de La Hire teve a satisfação de ver que nem a idade nem o trabalho poderam nunca alterar-lhe a boa disposição do corpo e do espirito, sendo assim poupado ao enorme dissabor de atravessar uma longa velhice.

Não obstante haver falecido velhissimo, considerou-se como ancião apenas um mez: foi o tempo em que não pde trabalhar nem frequentar as suas anlas.

O espirito, esse, foi provavelmente sempre jovem.

Luiz Leitão.



## CRITICA BARATA

Falha o assunto, e, por muito mal que se queira dizer, é se forçado a dizer bem.

Começaram os trabalhos para a illuminação electrica que tem feito andar de nariz no ar e boca aberta todo o bicho má lingua, e tem dado assunto para louvores á comissão camararia, nos centros do solo, da sueca e do trinta e um, visto o jogo estar prohibido.

A carestia dos generos fez já andar em S. Bento da Varzea, o diabo á solta. Felizmente, como se tratava de subsistencias, sacionou-se-lhe a fome com ameixas e peixe espada e tudo serenou, não deixando apesar d'isso, de fazer com que os açambarcadores do milho dessem terra para feijões.

O amor pela arte, pela tradição e pela estetica, levou os tripeiros da invicta a pensarem em reduzir a cascalho, por meio do martelão, a estatua que encima os seus paços municipais, afim de macadamisar a nova avenida que projectam fazer. Aqui, pensa-se de forma muito diversa quanto á arte granítica. Não ha muito tempo que em cortejo civico foi conduzido ao jardim publico e ali exposto á veneração dos artistas do pico e do cinzel, um tosco e disforme esteio. Sob este ponto de vista passamos a perna aos portuenses.

Em Lisboa projecta-se contribuir os gatos para alivio das gatas e desaparecimento do delict. Eis uma medida de largo alcance que em Barcelos podia ser posta em pratica. Quando não desse muito, pelo menos, pelo menos, daria para o alargamento de via reduzida, da avenida da estação.

Os presos da nossa cadeia resolveram pôr-se ao fresco, visto abafarem de calor dentro das muralhas em que se achavam encerrados. Na saída beberam a aguardente dos soldados da guarda e roubaram o relógio ao cabo.

Como castigarão as autoridades militares e civis os pobres dos soldados e os malandros rapinantes?

Se me dão licença, eu alvitro castigo para todos.

Metam na cadeia os soldados e ponham de guarda nestas noites de neve, os larpjos fugitivos.

Antonio Cardoso.

## BIBLIOGRAFIA

Do illustre publicista sr. Luiz Leitão, recebemos um interessante volume: «*Cem grandes virtudes em Cem pequenos capitulos*».

Pela rapida leitura que desse livro fizemos, deixou-nos éte a agradabilissima impressão de que o seu autor o dotou com os magnificos frutos da sua robusta pena, não deixando em nenhum dos seus capitulos de respirar a sua grande erudição.

Luiz Leitão, cuja capacidade literaria, é sobejamente conhecida, mostra neste seu precioso livro o seu incontestavel merecimento e o seu profundo saber de filosofo diligente e de investigador consciencioso.

O seu livro é duma moralidade e utilidade manifesta.

—Foi-nos oferecido pelo nosso distinto colaborador Manuel Boaventura, com uma generosa dedicatória, que em extremo nos penhora, o seu livro «No Presidio».

—Da illustre escritora D. Maria Pacheco Leitão, recebemos tambem dois livros: «Estimulos» e «Um Evangelisadôr da Bondade e da Beleza».

—Tambem da Casa Editora Belem & Comp.a, recebemos o 1.º tomo dos «*Milhões do Criminoso*», um dos mais interessantes romances de X. Montépin.

Desde já aqui consignamos os nossos sinceros agradecimentos pela gentileza das ofertas, e, oportunamente, faremos dessas obras as devidas apreciações criticas.

\*

### Dicionario de Geografia Universal

Por uma sociedade de homens de ciencia, sob a direcção de Tito Augusto de Carvalho.

Composto segundo os trabalhos geograficos mais modernos dos melhores autores portuguezes, brasileiros, francezes, inglezes e alemães, e de acordo com as ultimas publicações geograficas e estatisticas dos diferentes paizes, compreendendo todos os esclarecimentos e informações relativas ao commercio, ás artes e industrias.

Preço da obra (4 vol) brochados, 20\$00; solidamente encadernados em percalina, com lombada de chagrin, 24\$00.

A' venda em todas as livrarias e no «Centro de Novidades» e na Casa «A Editora Limitada», Largo do Conde Barão, 50 — Lisboa.

### A Russia Vermelha

Por John Foster Frazer, tradução do brilhante escritor Marcelino de Mesquita.

Nesta obra, de indiscutivel valor, condensou o seu autor todo o viver do povo russo.

Desde o Czar ao mais infimo camponez do Caucaso, desde o gabinete de trabalho do burocrata até ao revolucionario que, na rua, se bate ferozmente contra o regimen absoluto, tudo se acha magnificamente escrito, nas preciosas folhas deste sensacional volume.

Preço em brochura, 1\$00; encadernado, 1\$50.

A' venda em todas as livrarias e no «Centro de Novidades» e na Casa «A Editora Limitada», Largo do Conde Barão, 50 — Lisboa.



## Noticiario

### Hora gravissima

Ao longe desenha-se com todas as características terriveis a perspectiva sombria e terrificante da miseria.

De quando em quando passa um vento triste que sopra horrores, que traz lufadas de pobreza.

A agitação, o mal estar, o sofrimento, a fome, enfim, avizinha-se de nós com rapidez tão vertiginosa que ao rebentar a borrasca temos a convicção que ninguem a dominará tão depressa, que evite a sua acção violentissima de efeitos horrivelmente arripadores.

As subsistencias aumentando dia a dia de um modo intoleravel e sem motivos que plenamente justifiquem semelhante attitude, tornam quasi impossivel a vida a muitissima gente.

Sendo inumeras as dificuldades e as despesas, os ganhos são os mesmos para quasi todos, excepto para os assambarcadores e exploradores da miseria publica.

Os generos de primeira necessidade chegaram a um tal grau de elevação de preço que se torna difficilimo fazer-se-lhe frente.

E, neste continuo encarecer das subsistencias com que ambiciosos pretendem enriquecer, se é que não estão alguns ricos já, reacender-se-ha a agitação que se apossou duma grande parte da nação, dando-se no resto do paiz a repercussão desses tristes e deploraveis acontecimentos, onde houveram assaltos, ferimentos e mortes.

No nosso meio ha fome, ha gente que luta angustiosamente com a miseria.

E apesar de estarmos ainda no principio, o que é certo, é que não podemos esconder o presentimento de que coisas gravissimas estão para succeder.

Entre nós parece que ninguem quer vêr, ninguem examina detida e demoradamente que a fome campeia com desespero e que pôde muito bem ser aqui iniciado um movimento de protesto legitimo contra um tal estado de coisas.

O sinal de alarme foi já anunciado pelos sucessos de S. Bento da Varzea.

Mas apesar disso, a despeito dessa manifestação de protesto sem efeitos de maior, não se satisfiz ao publico, não lhes foi dada uma explicação que remediasse as exigencias das populações na expectativa da fome.

De nada se trata; nada se regula em beneficio dos desprotegidos da fortuna, nem tão pouco se procura ao menos providenciar no sentido de chamar á ordem os exploradores, obrigando-os a pôr um *basta* no preço dos generos de primeira necessidade, sob pena de os abandonar á revindicta popular.

Ainda agora por exemplo sobre o momentoso caso do milho se firmou um contracto ou *compromisso* entre negociantes e a autoridade administrativa que nada resolve.

E' preciso notar que nas considerações que vamos aduzir, não nos movem animosidades pessoais nem antagonismos politicos.

Somos até acerrimos defensores do principio da auctoridade, nutrido por ela um culto quasi religioso, pois a consideramos a pedra basilar de qualquer sistema politico.

E tanto assim que, no assunto de que vimos tratando, somente para ela apelamos na intenção de que nos ouça e alguma coisa faça em beneficio desta horripilante carestia de vida.

De passagem, seja-nos consentido tambem afirmar que aqui trataremos todos os assuntos com a maxima correcção e lealdade, porque tendo pela imprensa um respeito absoluto, entendemos que ela se deve impôr pela delicadesa do ataque e pela sinceridade da argumentação.

Passando, novamente, porém ao assunto do contrato ou *compromisso* tomado entre a autoridade e os negociantes, a esse documento não podemos reconhecer valor juridico, a não ser que leis especiais do nosso desconhecimento regulem o caso, atribuindo á autoridade administrativa o direito de firmar contratos daquela natureza.

Onde por conseguinte a base duma acção judicial no caso de exigencia de futuras responsabilidades?

Mas mesmo pondo de parte este ponto da questão, outros mais vulneraveis se nos apresentam que de sobra justificam as nossas alegações.

Vejam os:

O documento a que nos referimos estabelece no seu n.º 1.º a condição dos negociantes armazem 50 % das compras efectuadas, que ficam á ordem do administrador, tudo sob sua fiscalisação e dos seus agentes, segundo se estipula no n.º 2.º.

Porém, como efectuar tal fiscalisação? E' impossivel. Poder-se-hia admitir a sua realisação á quinta feira, mas fóra desse dia ninguem nos convence que tal se pode executar.

Além disso os negociantes, segundo o n.º 4 do contracto, *podem comprar livremente tanto no mercado como fóra dele qualquer quantidade de milho*.

Como fiscalisar neste caso as suas compras, afim de se poder deduzir a percentagem a depositar?

Impossivel.

Toda a gente sabe que os negociantes podem muito bem comprar o milho em freguesias proximas a estações do caminho de ferro, como aconteceu em S. Bento, e mandá-lo ali para despachar, sem que de tal a autoridade que firmou o contrato venha a ter conhecimento.

Depois, pelo n.º 2.º do contracto verifica-se que os negociantes se obrigaram a apresentar á autoridade administrativa uma declaração da quantidade de milho existente nos seus armazens, á data do contracto mas sem a sujeição ao desconto dos 50 %.

E porque motivo tal concessão, se a crise não é de agora, mas vem já de longe?

Temos ainda que, pelas penalidades impostas no n.º 5.º do contracto e segundo a sua parte final, quando o negociante *disponha de mais de metade do milho que comprar sem auctorisação escrita do administrador do concelho, ser-lhe-ha apreendida tambem sem direito a qualquer indemnisação, quantidade de milho equal á que se verificar em falta ou, se a existencia fór menor, o que lhe seja encontrado*.

Então se todos os negociantes se combinarem, por uma necessidade comercial e vendessem todo ou grande parte do milho em deposito, sem que nos seus armazens exista milho para seu commercio, quem cura das dificuldades duma povoação inteira, assim momentaneamente suscitadas?

Quem? Quem, se os negociantes não lhes sendo encontrada existencia de milho proprio para solver o desfalque dado, não tem obrigação pelo contracto, de indemnizar o publico ou a autoridade?

As vezes lemos demoradamente todas as condições do contracto a ver se ali descobrimos, um pouco que seja de interesse pelo publico cheio de fome, mas, confessamos que é em vão.

O que é certo é que as coisas não devem ficar no pé em que estão.

Olhe-se mais pelo povo.

Cuide-se com carinho dos precisados, pois a fome é má conselheira e ha casos em que não reconhece ninguem, nem admite observações.



**Orfeon do Porto**

Os barcelenses vão gosar o prazer de, no proximo domingo, 13 do corrente, no nosso teatro Gil Vicente, ouvir as belas composições que vem executar o Orfeon do Porto.

Barcelos que tem verdadeiros apaixonados, não só pela musica, como pela arte cênica deve cair em peso na nossa casa de espectaculos para ouvir o referido Orfeon, que é composto de autenticos artistas, e que é considerado como um dos melhores grupos, dêsse genero, do nosso paiz.

O espectáculo constará de sublimes trechos de musica, executados pelo referido Orfeon e de uma parte dramatica posta em cêna por apreciaveis artistas amadores.

**Notas da semana**

*Aniversarios natalicios:*

**Passam:**

Hoje, os srs.: dr. José da Silva Monteiro, dr. Porfirio Antonio da Silva e Avelino Aires Duarte.

—No dia 8, o sr. Antonio Augusto d'Almeida Azevedo.

—No dia 9, a ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Paulina da Costa Maciel Vieira de Castro.

—No dia 11, o sr. Joaquim Antonio Pereira.

—No dia 12, a ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Maria José Alvares Pereira e Lima.

**Estiveram:**

No Porto: os srs. dr. José Gomes de Matos Graça, Manuel Cardoso d'Albuquerque, dr. Gonçalo José d'Araujo e dr. Luiz Costa.

—Em Braga: os srs. dr. José Barbosa Marques dos Reis Maia, Domingos José de Miranda, Arnaldo Miranda, Manuel Candido da Silva Correia, Avelino Azevedo Duarte, Domingos de Figueiredo e Arnaldo Torres.

Em Guimarães: os srs. drs. Pedro Vicente de Moraes Campilho e José Julio Vieira Ramos.

—Na Povoia de Varzim: o sr. Luiz Gomes de Matos Graça e ex.<sup>ma</sup> esposa.

—Em Barcelos: os srs. Delfim Fernandes Vinagre, Miguel d'Abreu, Manuel Teixeira, José d'Azevedo Menezes, Anibal Duarte Azevedo, José Pires Lavado, Antonio Albino Marques d'Azevedo, dr. Miguel Monteiro e Francisco Monteiro.

**Enfermos:**

Tem estado os srs. Domingos Guimarães Esteves, Joaquim Lopes Fernandes Vinagre, Manuel Pereira da Quinta e Manuel Vieira Azevedo.

**ANUNCIOS**

**Banco de Barcelos**

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Por ordem do Ex.<sup>mo</sup> vice-presidente da assemblea geral, são convidados os Srs. acionistas do Banco de Barcelos a reunir em assemblea geral ordinaria, no dia 14 de Fevereiro proximo, pelas 11 horas da manhã, na casa do Banco, para os fins designados no art.<sup>o</sup> 37 e § 1.<sup>o</sup> dos estatutos.

Barcelos, 28 de Janeiro de 1916.

O secretario da assemblea geral,  
*Augusto Candido Lopes Vieira.*

**ANUNCIO**

1.<sup>a</sup> PUBLICAÇÃO

Pelo Tribunal da Relação do Porto e cartorio do escrivão Eduardo da Cruz Pereira, sito á rua de Santa Catarina, n.<sup>o</sup> 781, a requerimento de a Santa Casa da Misericordia de Vila Nova de

Famalicão, correm éditos de 30 dias, a contar da publicação do ultimo anuncio no Diario do Governo, a citar José d'Araujo Carvalho, João d'Araujo Carvalho e Adelino d'Araujo Carvalho, todos solteiros, maiores, da freguesia de Viatorlos, desta comarca de Barcelos e actualmente ausentes em parte incerta na República dos Estados Unidos do Brazil, para no praso de dez dias, findo o dos éditos, virem ou mandarem seus bastantes procuradores ao Tribunal da Relação do Porto e cartorio do escrivão acima indicado, afim de confessarem ou contestarem, querendo, os artigos de habilitação deduzidos pela requerente acima indicada, afim de serem julgados habilitados como herdeiros de seu falecido pai Manuel d'Araujo Carvalho e assim podêrem fazer proseguir seus termos a apelação civil interposta nesta comarca de Barcelos, pelo Banco de Barcelos, com sua sede nesta vila e outro, contra Manuel d'Araujo Carvalho, mulher e outros, sob pena de o não fazendo, seguir o processo seus termos á revelia.

Barcelos, 3 de fevereiro de 1916.

Verifiquei  
O Juiz de Direito  
*Monteiro*  
O Escrivão ajudante,  
*Ilidio Lopes.*

**ANUNCIO**

2.<sup>a</sup> PUBLICAÇÃO

Pelo Juizo de Direito e cartorio do escrivão do segundo officio abaixo assinado, pendem seus terminos uma acção civil pelo processo Geral do Decreto numero tres de vinte e nove de Maio de mil novecentos e sete, em que é auctora Ana da Costa, solteira, de maior idade, proprietaria, da freguesia de S. Romão da Ucha, e reus — Joaquim Pereira de Macedo e mulher Laurinda de Barros Rodrigues, Ana Soares de Macedo, e marido Manoel Nogueira Coelho, Felicidade Pereira de Macedo e marido José da Rocha Junior, Manoel Pereira de Macedo e mulher Albertina da Silva Braga, José Pereira de Macedo, solteiro, maior, Felismina Pereira de Macedo, solteira, menor pubere, Jeronimo Pereira de Macedo, solteiro, menor pubere, e

o tutor destes, aquele José Pereira de Macedo, todos da todos da mesma freguesia de S. Romão da Ucha. Na mesma acção alega a auctora que os reus são obrigados a pagar o foro de cinquenta e seis litros quatro centos e sessenta e tres mililitros ou trez razas e um quarto de pão meado, alvo e centeio, e um quarto de galinha, como consortes e possuidores do predio «Bouça do Rio de Cima», na mesma freguesia, para ela auctora como cabeçel preencher a pensão total á Confraria da Senhora do Rosario erecta na cidade de Braga. Que todos são obrigados á mesma pensão, como representantes de Joaquim Antonio da Silva Macedo e mulher, pai e sogro deles reus, e que devem desde o S. Miguel de mil novecentos e nove até mil novecentos e quatorze inclusive, e quanto á pensão de mil novecentos e quinze, sómente a cargo dos reus Joaquim Pereira de Macedo e mulher, por á morte daqueles Joaquim Antonio de Macedo, herdarem o mesmo predio, sujeito ao referido onus e o possuirem desde a morte do referido Joaquim Antonio da Silva Macedo, e em conclusão que assim sejam julgados habilitados e condenados no pagamento do referido onus e juros legais da móra desde o vencimento.

Correm, portanto, éditos de trinta dias, contados desde a segunda publicação deste anuncio no Diario do Governo, a citar o reu Felismino Pereira de Macedo, solteiro, menor pubere e ausente em parte incerta nos Estados Unidos do Brazil, para falar á acção conjuntamente com o seu tutor José Pereira de Macedo, impugnando-a querendo, no praso de dez dias, que se contarão desde o ultimo dia dos éditos, que igualmente correm desde a segunda publicação deste no Diario do Governo, sob pena de ser condenado de preceito á revelia, como se conclue na mesma acção.

Barcelos, 8 de janeiro de 1916.

Verifiquei.  
O Juiz de Direito,  
*Monteiro.*  
O Escrivão,  
*Manoel Cardoso e Silva*

**Arrematação**

2. PRAÇA

2.<sup>a</sup> PUBLICAÇÃO

No dia 20 do proximo mês de fevereiro, por 12 horas, á porta do Tribunal Judiciario desta comarca de Barcelos em virtude do requerido e ordenado no processo de «Execução de sentença», promovido por Antonio Manoel de Carvalho, viuvo, proprietario, da cidade de Braga, como cessionario de Feliciano Antonio Lopes e mulher Maria Tereza Lopes Martins, proprietarios, da freguesia de Encourados, desta comarca, contra o executado Antonio Joaquim Rodrigues, solteiro, maior, proprietario, da mesma freguesia de Encourados, mas ausente nos Estados Unidos do Brazil, — se tem de proceder á arrematação da propriedade adiante designada, pertencente ao dito executado, e que será entregue a quem maior lance oferecer sobre o valor da sua avaliação e porque entra em praça:

«Bouça da Costa,, também conhecida por Bouça da Costa e Giestal ou Leira do Penedo da Giesta, de mato e pinheiros, com dôze balcões de terra lavradia, com ramadas, situada no lugar das Fontainhas, da predita freguesia de Encourados, foreira á Camara Municipal deste concelho, com oitenta e cinco centavos e laudemio da quarentena propriedade que entra em praça, com o respectivo abatimento do fôro e laudemio, na quantia de trezentos e setenta e tres escudos e quarenta e dois e meio centavos—373\$42,5.

Pelo presente anuncio são citados para a praça todos e quaisquer credores incertos, afim de deduzirem, querendo, os seus direitos.

Barcelos, 28 de Janeiro de 1916.

Verifiquei a exactidão.  
O Juiz de Direito,  
*Monteiro*  
O Escrivão,  
*Julio Mendes da Rocha Diniz.*



# CENTRO DE NOVIDADES



## Fernando Miranda & Irmão

134—RUA D. ANTONIO BARROSO—140

### BARCELOS

#### Papelaria e objectos de escritorio

Papeis e envelopes de todas as qualidades.  
Sortido completo em todos os artigos.  
Livros em branco e riscados.

#### Livraria

Romances, contos, literatura, etc.  
Obras sobre religião, arte, jurisprudencia,  
etc.  
Revistas e jornais ilustrados.  
Assinatura permanente de quaisquer obra.  
Livros escolares.

#### Tabacaria

Tabacos nacionais e estrangeiros.  
Boquilhas, cigarreiras, bolsas, etc.  
Isqueiros e pedras para os mesmos.

#### Perfumarias

Sabonetes de todas as qualidades, perfumes,  
locões, pasta dentifrica, escovas, pentes, es-  
pelhos etc.

Agua de colonia a retalho.

#### Postais ilustrados

Sempre as ultimas novidades, em todos os  
generos.

Albums para postais. Cromos.

#### Tipografia e encadernação

Todos os trabalhos tipograficos — cartões  
de visita e de luto, rotulos, facturas, envelo-  
pes, recibos, relatorios, anuncios, etc.

Impressões a côres.

Impressos para os srs. Notarios, Escrivães

de Direito, Professores, Juntas, Confrarias,  
Regedores, etc.

Encadernações, pastas, cartazes, etc.

#### Artigos diversos

Loteria.  
Cordas para instrumentos.  
Cartas de jogar.  
Carimbos de borracha.  
Carteiras, bolsas, etc., etc.

#### Generos especiais de alimentação

Chá e café.  
Cacau, chocolate, farinha Nestlé, maizena  
e outras, rebuçados, etc.  
Vinho sem alcool.  
Aguas minerais.  
Cerveja.

Preços sem competencia.

PEÇAM O JORNAL-RECLAMO, DISTRIBUIDO GRATUITAMENTE.

Sempre novidades.

## ALIANÇA MADEIRENSE

Companhia de Seguros fundada em 1891

Capital social Rs. 300:000\$000

Capital realisado e fundo de reserva Rs. 105:000\$000

Emissão seguros contra incendio em predios, mobílias, estabeleci-  
mentos, searas e agricolas em geral.

AGENCIA EM BARCELOS

CASA CONFIANÇA

Camisaria - Gravataria - Perfumarias

Rua D. Antonio Barroso (em frente á viela)

## Companhia de Seguros Atlantica

SÉDE — Largo dos Loyos, 92 - 1.º

PORTO

Seguros terrestres, maritimos e agricolas.

Postais, quebra de vidros, etc.

Seguros de guerra

Correspondente em BARCELOS

JOÃO DE SOUSA

(estabelecimento de fazendas de lá, seda e algodão, rua D. Antonio Barroso, 13-15)

## NOVO ESTABELECIMENTO COMERCIAL

DE

### Costa & Vasconcelos

Rua D. Antonio Barroso

Rua Barjona de Freitas

### BARCELOS

Grande sortimento de artigos para senhora.  
Veludos inglezes e nacionais, sedas de côr e pre-  
tas lavradas para vestidos e blu-as.  
Chales de malha. Espartilhos. Agasalhos.  
Flanelas, chitas, chales, cachenés, molins, pa-  
nos crús, etc.

Esplendido sortido de flanelas nacionais e ingle-  
zas, tudo para fatos de homem.

Casimiras de côr, diagonais, picotinhos e che-  
viotes.

Padrões da maior novidade para fatos e su-  
bretudos.

MIUDEZAS

MIUDEZAS

Camisaria - Gravataria - Chapeus - Guardasois

Seriedade e modicidade de preços.

O seu novo proprietario acaba de ampliar o seu estabe-  
lecimento, com secção de confitaria, sortido de especiarias,  
simos, vinhos maduros, conservas de toda a qualidade, fiavel-  
mo, queijo da Serra da Estrela, bolachas nacionais e estrangeiras,  
fapilinas, massas etc.

"Padaria Maria Antonia,"